



CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
1910 - 2010



**AS CARICATURAS
DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

OSVALDO MACEDO DE SOUSA

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M X

Edição promovida pela Comissão Nacional para
as Comemorações do Centenário da República,
no âmbito do Programa das Comemorações
do Centenário da República.

© 2010, Edições tinta-da-china, Lda.,
Osvaldo Macedo de Sousa

Edições tinta-da-china
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *As Caricaturas da Primeira República*
Autor: Osvaldo Macedo de Sousa
Revisão: Tinta-da-china
Capa e projecto gráfico: Vera Tavares
Composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Setembro de 2010

Isbn: 978- 989-671-047-7
Depósito Legal n.º 314100/10

ÍNDICE

7

Introdução

21

As Iconografias e a Evolução do Republicanismo

55

A Revolução de Outubro

81

A Caricatura na Primeira República

183

Epílogo

191

Caricaturistas

199

Nota Biográfica

INTRODUÇÃO

A ARTE DO humor gráfico é uma das estruturas mais complexas da criatividade humana, já que concilia em si uma série de jogos de pensamento estético e filosófico. É uma mescla de criação e comunicação, de irreverência filosófica e pura objectividade, de pensamento libertário e diálogo democrático, de jornalismo e documento histórico, de desenho e palavra...

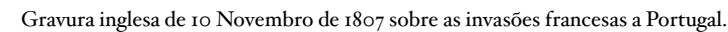
Em todas as civilizações se encontram testemunhos do uso da comicidade para criticar o poder, para retratar os exageros das sociedades. Os que eram sábios, os que tinham consciência de quão vã é a glória, de quão efêmero pode ser o poder, procuraram defender-se usando o humor como antídoto da vaidade, da prepotência governativa. Assim nasceu a figura que conhecemos como o Bobo, uma personagem que usava o grotesco para satirizar a sociedade, os cortesãos que rodeavam o senhor, assim como o próprio senhor, lembrando-o de que também ele era um simples ser huma-

no, susceptível de ter dúvidas e de errar. O Bobo era um espelho, por vezes cruel, das realidades e exercia o mesmo papel que é hoje ocupado pela caricatura de imprensa.

A sociedade desses séculos anteriores ao liberalismo era profundamente hierarquizada, uma pirâmide rígida que se erguia sobre fundamentos genealógicos e que o dinheiro ia tentando destruir, para criar uma nova hierarquia. O poder económico foi-se alterando ao longo dos séculos, transferindo-se das mãos do poder governativo para as de uma nova classe de comerciantes que ficaria conhecida como burguesia. Para alterar a sociedade absolutista, os pensadores da nova sociedade procuraram impor o direito do indivíduo contra o direito da linhagem, impor a liberdade, a igualdade, a fraternidade do ser individual contra o domínio da classe. Essa era a ideia da Revolução Francesa e, conseqüentemente, do liberalismo, a ideologia socioeconómica que daí germinou.

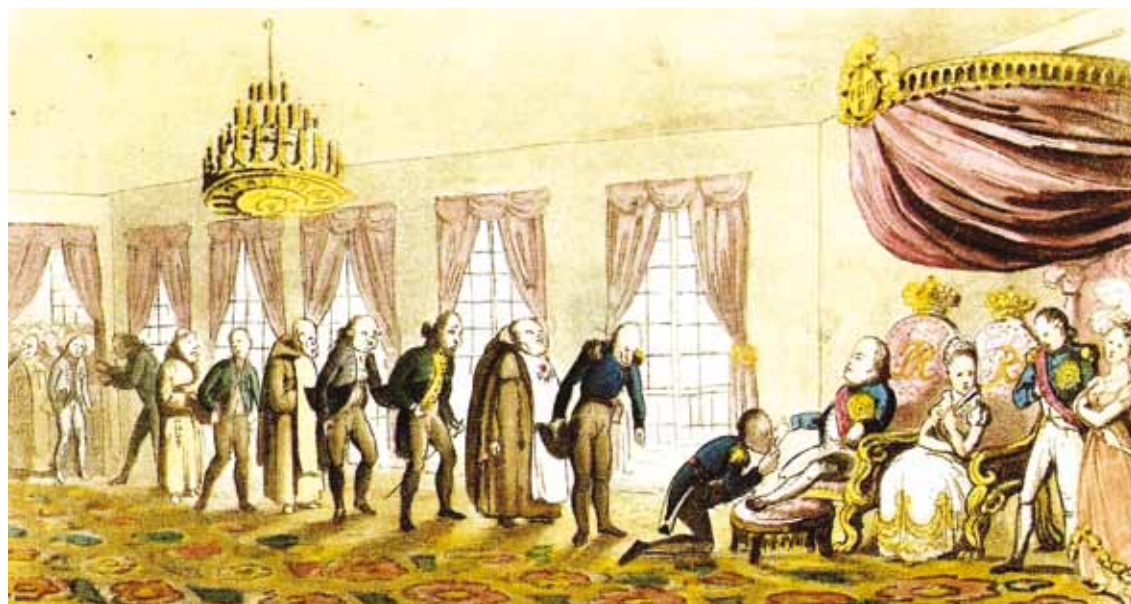
A REVOLUÇÃO Francesa chegou a Portugal por duas vias: a militar e a ideológica. A via militar decorreu em três campanhas fracas-

Por princípio, a caricatura deve estabelecer igual relação com o poder e com as oposições. Rafael Bordalo Pinheiro, no seu



A caricatura deve também ser fraterna porque o verdadeiro humorismo não se ri *dos* outros, mas *com* os outros. Deve ser suficientemente inteligente para que a acidez da crítica não ofenda o indivíduo. Deve ter

APESAR DE a imprensa portuguesa ter tido os seus primeiros exemplos no século xvii, foi após a vitória do liberalismo que as publicações noticiosas se foram impondo,



Gravura anônima publicada no Brasil, caricaturando a corte no Rio de Janeiro (1810?).

primeiro timidamente, servindo grupos de interesse político, depois alargando-se progressivamente, até se chegar aos jornais puramente noticiosos de grande circulação — como o *Diário de Notícias*, *O Século*, *O Comércio do Porto* —, no final do século. A imprensa humorística desenvolveu-se ao mesmo ritmo da noticiosa, surgindo os primeiros jornais de cunho jocoso ou satírico nos finais da década de 1830: *A Caricatura* (1837), *O Ramalhete* (1837-39), *O Procurador dos Povos* (1838-48), que se prolonga pela década de 1840 ao lado de *A Macaca* (1842-48), *O Óculo* (1847)... Se nos primeiros não havia qualquer gravura, n' *O Procurador* surgem, de tempos a tempos, folhas volantes satíricas. Conhecem-

-se alguns gravadores, como João Baptista Ribeiro, Filgueiras, Flora, Sendim, que, para além de assinarem algumas destas gravuras satíricas, eram também ilustradores de periódicos noticiosos.

Contudo, a data oficial do nascimento da caricatura de imprensa em Portugal é o dia 12 de Agosto de 1847, com o aparecimento do *Suplemento Burlesco* de *O Patriota*. Porquê? Porque a partir desta data, e com este semanário, as caricaturas passaram a ser impressas no próprio jornal, e não em folhas volantes encartadas com existência independente; porque passaram a ter periodicidade semanal, e não a aparecer esporadicamente; porque passaram a ser sempre assinadas (neste caso por Cecília, Maria,



Gravura de Daumier, caricaturando a luta entre os irmãos D. Pedro e D. Miguel (o liberalismo contra o absolutismo).

Gravura anônima da década de 1840, com alegoria sobre a revolta da Maria da Fonte, vendo-se Almeida Garrett no focinho do cavalo da direita.

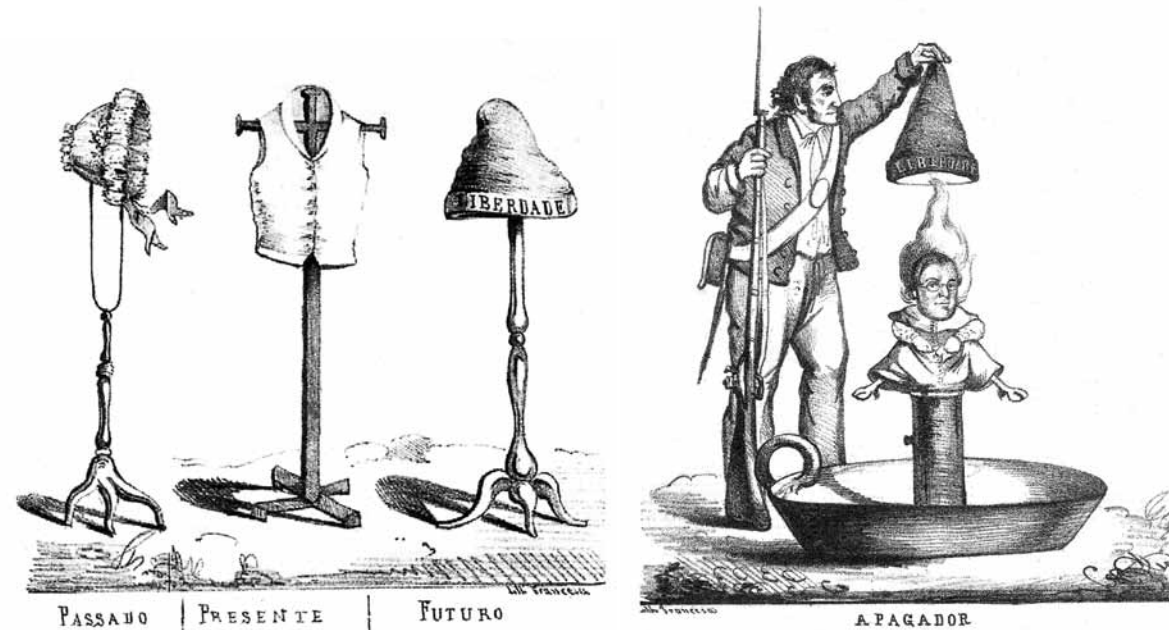


Afonso... tudo pseudónimos de um gravador que ficou conhecido como o Lopes Pinta Monos).

O Patriota era um jornal marcadamente setembrista, pelo que as caricaturas publicadas no seu *Suplemento* tinham, à semelhança dos artigos, um forte cunho panfletário, anticabralista. Após esta primeira fase de agressividade política, a partir de 1851 e até 1870, vive-se um período de preferência pela sátira social, durante o qual os mestres do realismo Manuel Macedo, Manuel Maria Bordalo Pinheiro e, fundamentalmente, Nogueira da Silva dão um

novo alento plástico, conciliando a arte do humor com a vanguarda estética dominante.

ALGUNS HISTORIADORES referem Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) como o pai da caricatura de imprensa em Portugal, mas, como pudemos verificar, esse lugar é disputado por outros artistas anteriores. Se Manuel Macedo e Manuel Maria Bordalo Pinheiro são mais importantes como gravadores do que como satíricos, Nogueira da Silva é um mestre de ambas as artes, com destaque para a introdução da narrativa



Duas caricaturas de Cecília (Lopes Pinta Monos), *Supl. Burlesco* de *O Patriota* de 21/2/1849 e de 2/6/1848.

gráfica (mais tarde conhecida como história aos quadradinhos) em Portugal.

Rafael Bordalo Pinheiro deu à caricatura uma nova dinâmica, substituindo o realismo pelo naturalismo estético e introduzindo a ironia na crítica jornalística. O seu traço e a sua forma de jornalismo criaram uma escola que seria posteriormente denominada como rafaelista ou bordaliana. Quase todos os seus contemporâneos tentaram segui-la, e o estilo por ela veiculado encontra seguidores ainda hoje. Rafael considerava-se um «fotógrafo reproduzindo as máculas dos vossos narizes, das vossas literaturas e das vossas políticas». Mas não era um fotógrafo das aparências — por vezes tinha de ir mais fundo, arranhar a

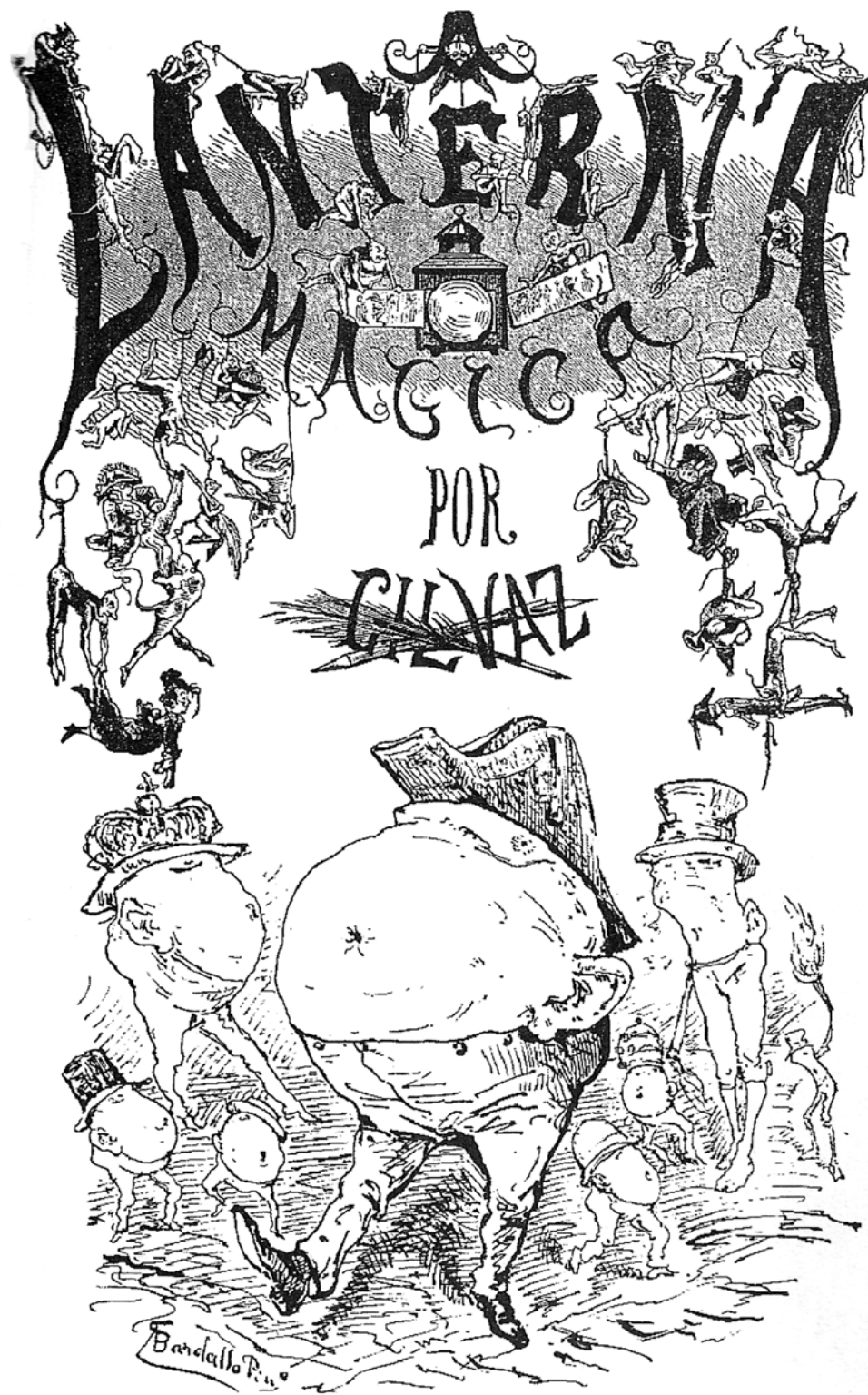
superfície, razão pela qual afirmou certa vez que caricaturar «é o mesmo que pregar um prego no estuque de uma casa, com o protesto do senhorio». Disse pregar um prego, não destruir a parede... e o senhorio deve ter o bom senso de saber porque é que ele colocou esse prego, e com que fim.

Com maior ou menor arte, foram aparecendo caricaturistas, principalmente em Lisboa e no Porto, procurando intervir da melhor forma na sociedade. Não existiam empresas de comunicação social, por isso cada um tinha de fundar o seu próprio projecto ou de inserir-se num pequeno grupo de jornalistas. Assim, conta-se mais de uma centena de títulos entre 1870 e 1910, dos



O DEPUTADO DE PROVINCIA E O DEPUTADO D'ULTRAMAR.

Nogueira da Silva, *Jornal para Rir* de 15/5/1856.



Phisionomia da politica portugueza

Rafael Bordalo Pinheiro, *A Lanterna Mágica* de 19/6/1875.
«Os Barrigas» foram uma iconografia política que, para além de múltiplas caricaturas, inspirou uma opereta sobre o parlamento — *O Solar dos Barrigas*.



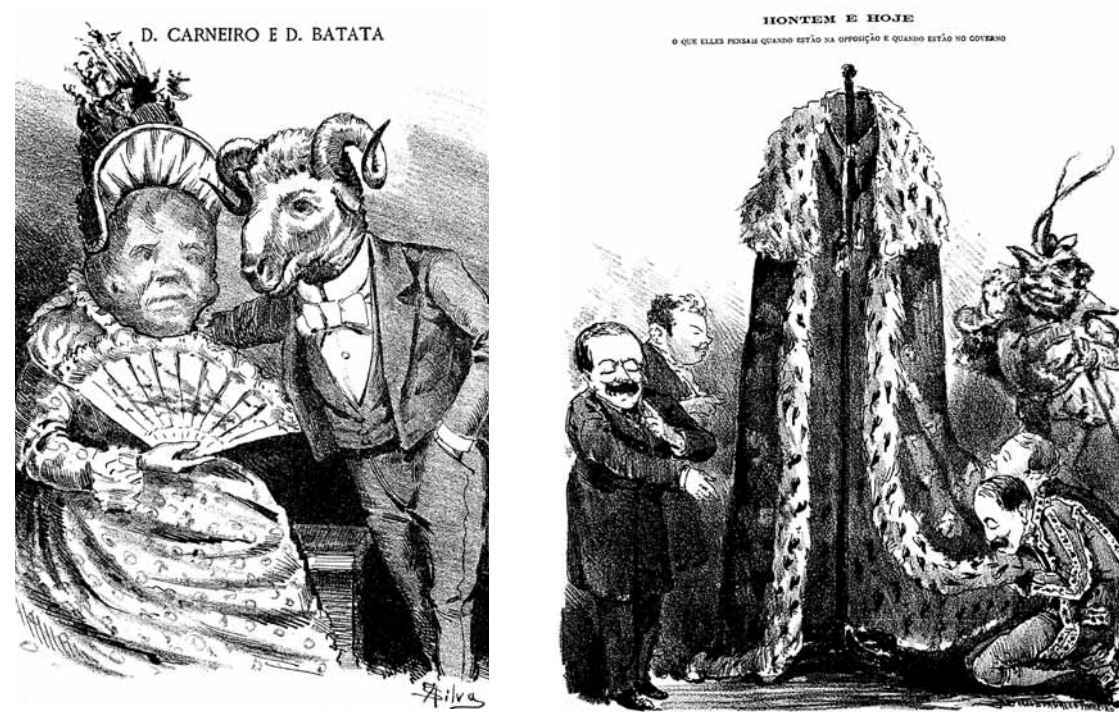
Rafael Bordalo Pinheiro, *O António Maria* de 24/11/1881. Com o rotativismo vigente, apenas mudava o fâcies dos políticos...

quais se destacam naturalmente os jornais de Rafael Bordalo Pinheiro (*O Binóculo*, *A Lanterna Mágica*, *O António Maria*, *Pontos nos ii*, *A Paródia*), para além de *O Sorvete*, *Charivari*, *A Comédia Portuguesa*, *Pontos e Vírgulas*, *Os Pontos*, *Suplemento à Marselhesa*, *Suplemento Humorístico de O Século*, *A Corja*, *Os Ridículos*...

Dos artistas de oitocentos, temos de destacar Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (filho do Mestre), Sebastião Sanhudo (o cronista do Porto), Almeida e Silva, Julião Machado, M. Pinto, Nogueira, Jorge Colaço, Celso Hermínio, Leal da Câmara. No seu

conjunto, a obra destes artistas permite fazer uma história da sociedade portuguesa nos campos cultural, social e político. Permite também — porque a caricatura/cartoon é a arte de fazer a crónica do quotidiano com humor e seriedade — compreender quais as questões que mais preocupavam o povo e quais os seus maiores prazeres.

O FIM DO Antigo Regime e a criação de uma sociedade liberal-constitucional foi uma transição conturbada, pois implicou não apenas o reajustamento das sociedades de



Almeida e Silva, *Charivari* de 1888. O carneiro com batatas era a refeição com que os partidos aliciavam os votantes no dia de eleições, transformando-se em iconografia caricatural desse acto cívico. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, *A Paródia* de 5/2/1902, sobre o sistema político do rotativismo.

cada país às rupturas políticas, como também uma reestruturação planetária, com as Américas a tornarem-se independentes, as colónias africanas e asiáticas em redistribuição, e a procura de um novo equilíbrio de forças dos domínios marítimos, económicos, imperiais.

Em Portugal, essa alteração sociopolítica foi uma evolução à traulitada, com rixas ideológicas, com pseudo-revoluções políticas, com lutas de poder caciquico nos domínios rurais e de forças de clientelismo nas estruturas do estado e do poder governativo.

A partir da década de 1860, a paz regeneradora satisfez grande parte do poder político, acabando por dividi-lo em dois grandes grupos, os quais se alternariam num rotativismo indolente, bom financiador do clientelismo de ambas as partes. Por vezes, os políticos mudavam de partido como mudavam de camisa, só para se manterem no poder. Se as comadres se zangavam, criavam um novo partido, igual ao anterior. Os partidos eram organizações de burgueses que repartiam o poder em conivência com o rei. Muitas vezes, os governos eram nomeados



Rafael Bordalo Pinheiro, *O António Maria* de 23/7/1880.

pelo rei antes das eleições parlamentares, para assim influenciar os votos, garantindo-se uma alternância que mantinha ambos os partidos contentes. O rotativismo mais não era do que a substituição da cara dos políticos, pois o regime mantinha-se, tal como as políticas, a indolência, o endividamento. O problema seriam os homens ou o sistema político? «Todo o homem político do nosso país é honrado, honesto, trabalhador, probo, virtuoso, etc. — antes de ser ministro. Depois de ministro passa a ser pulha, malandro, biltre, canalha, ladrão, assassino, incendiário, etc. E, entretanto, todos os honrados, honestos, trabalhadores, probos, virtuosos, etc., não fazem senão diligenciar para trepar, a ver se conseguem deitar a mão ao diploma de pulhas, malandros, biltres...» (R.B.P., in *Pontos nos ii* de 8/3/1888). Na visão dos humoristas de finais do século XIX, o político, quando sobe ao poder, altera-se, principalmente no conceito de barriga («a política está na barriga e é pela barriga que se conhecem os grandes políticos», diz Sebastião Sanhudo n' *O Sorvete* de 23/3/1884), o que faz com que tudo aquilo em que toca se transforme em «albardas» para o Zé Povinho ou em alimento para a grande Porca da Política.

Entre 1870 e 1910 houve vinte e cinco governos. Dezoito é o número de políticos que foram nomeados presidentes do Conselho (dos quais seis entre 1908 e 1910), destacando-

-se três figuras que lideraram por três vezes o governo da nação: António Maria de Fontes Pereira de Melo, que, no total, governou durante doze anos; José Luciano de Castro Pereira Corte Real, que governou quase nove anos, e Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro, que, no conjunto dos seus três governos, chegou aos quatro anos de governação. Foram raros os mandatos que duraram mais de três anos, e alguns sobreviveram apenas poucos meses. As eleições eram constantes, envolvendo uma espécie de feira de compra das clientelas e dos votos.

Estes núcleos de governação deixavam de parte sectores influentes da sociedade: os livres-pensadores, insatisfeitos com a adulteração do liberalismo, e uma nova classe trabalhadora — o proletariado —, que foi crescendo com a industrialização do país. O descontentamento instalou-se, ajudando à criação dos movimentos republicano e socialista.

As Conferências do Casino de 1870 foram um marco de viragem no pensamento liberal e no desenvolvimento da contestação ao regime político que vigorava em Portugal. Aqui confluíram uma mistura de ideais socialistas, republicanos e liberais que, aos poucos, se foram separando e criando grupos específicos. Os partidos da regeneração, não sabendo lidar com uma oposição pouco dócil e não amestrada, passaram a usar a força policial, na tenta-

tiva de calar as vozes dissonantes do rotativismo. Consequentemente, aumentaram as vozes descontentes.

O movimento socialista, por se ter desenvolvido essencialmente no meio intelectual, pouca repercussão teve na população portuguesa, e sempre foi pouco significativa a sua participação política; por seu lado, o republicanismo, que também foi essencialmente intelectual, pelo facto de abordar os interesses da média burguesia, teve muito maior impacto. Progressivamente, foi criando o seu espaço, conquistando adeptos não só entre uma juventude irreverente e republicana por opção, mas também entre os monárquicos dissidentes, cada vez menos satisfeitos com o estado da governação.

Em 1876, foi fundado, em Lisboa, o Centro Eleitoral Republicano Democrático, onde se agrupavam várias correntes de pen-

samento republicano, todas elas alternativas ao liberalismo evolucionista, que defendia a implantação da República por via legal e pacífica. Em 1879, foi criado o Centro Republicano Federal. Em 1880, tentaram-se agrupar todos os Centros existentes sob a alçada do Centro Democrático Republicano. Em 1881, foi a procura dessa união que motivou a fundação do Centro Eleitoral Republicano Federal do Círculo 96. Em 1883, realiza-se finalmente um congresso da Comissão Organizadora do Partido Republicano Português (PRP). Como vemos, o republicanismo nasceu, e viveria sempre, dividido em diferentes correntes ideológicas, em diferentes clubismos de interesses.

Em 1878, os republicanos obtiveram a sua primeira vitória ao conseguirem eleger, no Porto, o seu primeiro deputado — Rodrigues de Freitas.



Sobre a nudez forte da verdade,
o manto diafano da fantasia...



Mortos de pé!... Os vivos estão de cócoras

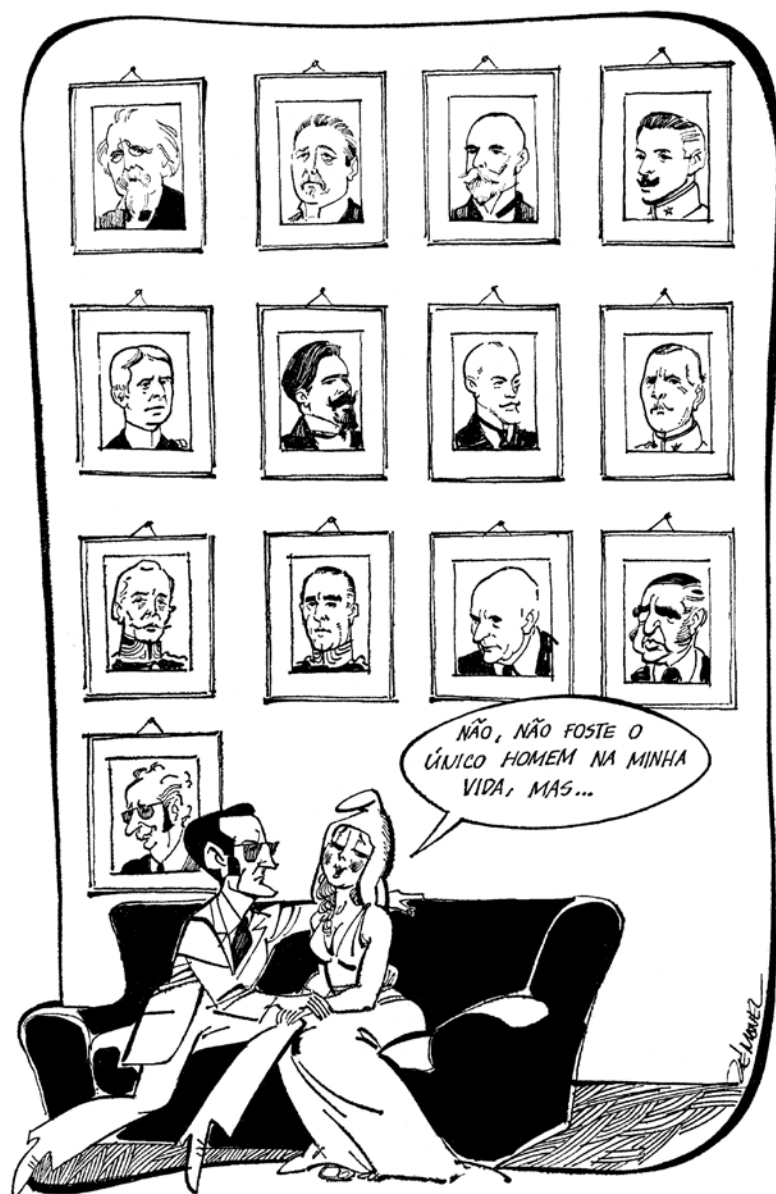
Nesta página e na seguinte:

Stuart Carvalhais, *Album Stuart*

(ed. de Nelson de Barros).

A maioria dos líderes republicanos teve de partir
para o exílio ou passou a viver na sombra do medo...

O povo aceitou pacificamente a ditadura...



Caricatura de Zé Manel. Durante a ditadura militar e o Estado Novo, a figura institucional do presidente da República manteve-se sempre, apesar de se terem perdido os valores republicanos de igualdade, liberdade e fraternidade. Nesta caricatura vê-se Ramalho Eanes, o primeiro presidente eleito por sufrágio universal após a revolução de Abril, com todos os seus antecessores atrás.

CARICATURISTAS



ALFREDO CÂNDIDO (Ponte de Lima, 27/1/1879 — Lisboa, 27/7/1960). Fez os seus estudos na Escola Industrial de Viana do Castelo, emigrando depois com toda a família para o Brasil, em 1895. Aí, ele e o irmão iniciaram a sua actividade jornalística como caricaturistas, publicando com grande sucesso em *Portugal Moderno*, *O Dia*, *Jornal do Brasil*, *Larva*, etc. (por vezes sob o pseudónimo de Jacques Dubois). O seu irmão permaneceu no Brasil, mas no princípio do século Alfredo regressou a Portugal, prossequindo a actividade de caricaturista em periódicos como *Brasil-Portugal* (1900-1907), *O Vira* (1906), *A Garra* (1907), *O Matias*, de que foi director e desenhador principal (1913), *O Zé* (1914), *A Batalha* (1925), *O Espectro* (1925), *Os Sportsinhos*, *Sempre Fixe*, *Tic-Tac*, *Acção*, etc. Ilustrou diversos livros. Foi director de *Turismo. Revista de Propaganda de Portugal*.

ALFREDO DE MORAIS. Alfredo Januário de Moraes (Lisboa, 19/9/1872-6/2/1971). Sendo essencialmente celebrizado como aquarelista, dedicou-se também temporariamente à sátira gráfica (*O Século Cómico*, *Os Ridículos*, *ABC-zinbo*, *Brasil-Portugal*, etc.), à ilustração de livros, à elaboração de capas, cartazes e postais ilustrados. Chefiaria a equipa de litógrafos da Imprensa Nacional e seria um dos fundadores da Sociedade Nacional de Belas-Artes (SNBA), destacando-se como acérrimo defensor do naturalismo e convicto antimodernista.

ALMADA NEGREIROS. José Sobral de Almada Negreiros (São Tomé e Príncipe, 7/4/1893 — Lis-

boa, 15/6/1970) foi um dos grandes ícones da irreverência artística do século xx. Iniciou a sua actividade plástica sob a influência de Cristiano Cruz e através da sátira política, a qual manteve ao longo dos anos como um dos veículos de sobrevivência económica. Os seus trabalhos foram publicados em *A Sátira*, *A Capital*, *Papagaio Real* (de que foi director artístico), *ABC a Rir*, *O Domingo Ilustrado*, *Diário de Lisboa*, *Sempre Fixe*, etc. Tendo vivido em Madrid, deixou também alguns trabalhos na imprensa local. Foi um dos principais activistas do modernismo, do futurismo e do abstraccionismo. A sua personalidade multifacetada exprimiu-se em poesia, cenografia, figurinismo, pintura, bailado, dramaturgia, tapeçaria, azulejaria...

ALMEIDA E SILVA. José de Almeida e Silva (Viseu, 15/11/1864-10/10/1945) estudou na Academia Portuense de Belas-Artes, dedicando-se posteriormente à pintura, à escultura e ao ensino. Enquanto estudante, para sobreviver, trabalhou como caricaturista, iniciando esta actividade na *Cavaqueira Política* (1880), colaborando depois em *Álbum Viseense* (1884-85), *Maria da Fonte* (1885-86, do qual também foi director) *O Ginasta* (1886), *Óbolo às Crianças* (1887) e *Charivari* (1886-90). É neste último que se encontra o melhor da sua obra de traço vigoroso, dentro do rafaelismo vigente. A sua agressividade satírica trouxe-lhe diversos dissabores pessoais e profissionais, o que o faria abandonar esta forma de expressão artística. Em 1890, deixou a cidade do Porto e passou a dedicar-se preferencialmente ao ensino,



primeiro na Escola Industrial de Emílio Navarro (Viseu) e depois, a partir de 1919, como director da Escola de Vidreiros da Marinha Grande. Ainda publicou esporadicamente em *Charivari* (1891), *Portugal-Espanha* (1895), *Notícias de Portugal* (1896), *O Bombeiro Português* (1898), etc. A sua pena não foi apenas gráfica, dedicando também alguma da sua criatividade à escrita de artigos e de ficção.

ALONSO, pseudónimo de Joaquim Guilherme Santos Silva (Lisboa, 15/4/1871 — Sintra, 30/7/1948). Tendo exercido toda a sua vida o professorado (Escola António Arroio), extravasou a sua criatividade para a pintura, a decoração, a ilustração (nomeadamente na Companhia Nacional Editora, para a qual fez capas e ilustrações) e, essencialmente, para o desenho satírico. Apesar de a sua obra maior se concentrar em *Os Ridículos* (décadas de 1920 e 1930), colaborou também em publicações como *Charivari* (a partir de 1891), *Ilustração Portuguesa*, *O Século Cómico*, *Jornal do Brasil*, *O Dia*, *A Luta*, *Os Grotescos*, *A Paródia*, *O Palco*, *O Correio da Europa*, *O Arauto*, *Os Serões*, *O Ocidente*, *O Talassa*, *Os Sportsinhos*, *O Espectro*, *O Jornal da Mulher*, *Sempre Fixe*, *Jornal de Sintra*, etc. Obteve a 2.ª Medalha de Caricatura nos salões da SNBA.

AMARELHE. Américo da Silva Amarelhe (Porto, 26/12/1892 — Lisboa, 3/4/1946) é o que se pode chamar de menino-prodígio da caricatura, tendo realizado a sua primeira exposição individual com catorze anos, no Salão da Fotografia União no Porto. Dado o seu sucesso nos meios sociais do Norte, resolveu, em 1911, mudar-se para Lisboa, realizando uma exposição nos Salões do Teatro Nacional, inaugurada pelo presidente da República. A partir daí tornar-se-á o caricaturista oficial do meio artístico, fundamentalmente do teatro, sendo responsável por ilustrações para a crítica e para a publicidade, por cartazes, capas de partituras, livros de curso... Mas, apesar de todo este sucesso, nunca conseguiu investir no trabalho com o seu gosto mais irreverente, dependendo sempre dos clientes mais conservadores. A sua obra pode ser encontrada em milhentos folhetos de teatro ou em periódicos como *O Século Cómico*, *O Palco*, *O Século*, *Sempre Fixe* e *A Risota*.

ARMANDO BOAVENTURA (Vila Fresquinha, Barcelos, 29/8/1890 — Lisboa, 3/2/1959). Foi jornalista, editor (*Diário da Manhã*), chefe de redacção (*Diário de Notícias*) e director (*Estoril Jornal*). Homem da imprensa em toda a sua dimensão, foi também caricaturista, colaborando em *A Montanha*, *A Época*, *A Acção Nacional*, *ABC*, *Os Açores*, *Correio da Manhã*, *O Dia*, *A Voz*, *Diário de Lisboa*, *O Comércio do Porto*, *O Primeiro de Janeiro*, *O Século*, etc. Fez também caricaturas para livros de curso, assim como ilustrações para múltiplas publicações.

BALHA E MELO. Excelente artista modernista que, em Coimbra, acompanhou as ousadias de Cristiano Cruz, Correia Dias, Cerveira Pinto e Luís Filipe. Colaborou em *A Rajada*, *Ilustração Portuguesa*, *Miau!*, etc. Participou nos Salões dos modernistas e fantasistas, mas depois desapareceu.

CÂNDIDO SILVA JÚNIOR (Macau, 1875-?). Estudou na Academia de Belas-Artes de Lisboa e participou na Sociedade dos Humoristas Portugueses e seus Salões. Deixou obra impressa em *O Dia*, *Ilustração Portuguesa*, *Tiro e Sport*, *Os Ridículos*, *A Sátira*, etc.

CASTAÑE. Adolfo Rodríguez Castañe (Madrid, 1887-?) veio muito jovem para Portugal. Foi discípulo de Jorge Colaço, participou nos Salões de Humoristas de Lisboa em 1912 e 1913. Publicou em *O Século Cómico*, *Tôpa a Tudo*, *Pim-Pam-Pum*, *Seara Nova*...

CECÍLIA, um dos vários pseudónimos de Lopes Pinta Monos. Fundador da caricatura de imprensa em Portugal, foi ele que, no *Suplemento Burlesco* de *O Patriota*, a 12 de Agosto de 1847, iniciou a inclusão da caricatura no corpo do jornal, com publicação regular e assinada (apesar de ser com pseudónimo). Viria a morrer de tísica em 1851.

CELSO HERMÍNIO. Celso Hermínio de Freitas Carneiro (Lisboa, 2/5/1871-8/3/1904) iniciou a sua actividade satírica com onze anos, publicando o seu jornal familiar *A Mosca*. Mas a sua carreira profissional no jornalismo arrancou apenas em 1892, depois de ter abandonado a carreira militar. Colaborou em *Suplemento Ilustrado* de



O Universal, *O António Maria*, *Branco e Negro*, *Diário de Notícias*, *A Paródia*, *Brasil-Portugal*, *O Dia*, *A Comédia Portuguesa*, *A Folha*, *Diário da Tarde*, *O Papão*, *Jornal das Senhoras*, *O Arauto*, *O Comércio do Porto Ilustrado*, *Ilustração Portuguesa*, *Passatempo*, etc. Seria editor/director de *O Micróbio*, *O Berro* e *A Carantonha*, no período mais acérrimo da censura em final de oitocentos. No Brasil, onde viveu de 1897 a 1899, trabalhou em *Jornal do Brasil*, *O Diabo*, etc. Publicou o álbum *O Carnaval Desmascarado*, ilustrou uma série de livros, criou postais ilustrados e fez pintura.

CORREIA DIAS. Fernando Correia Dias (Moledo da Penajóia, Lamego, 10/11/1892 — Rio de Janeiro, 19/11/1935). Introdutor do modernismo em Portugal, pertencente ao Grupo de Coimbra, aí se manteve até emigrar para o Brasil, em 1915. Artista bastante eclético, trabalhou como decorador, gravador, desenhador de móveis e de cartazes, e caricaturista. Foi fundador e director de *O Gorro* e *A Farsa* e director artístico de *A Rajada*. Podem-se encontrar colaborações suas em *Límia*, *A Águia*, *A Sátira*, *Ilustração Portuguesa*, etc. Em 1915 fez uma grande exposição em Lisboa, onde estavam expressas as suas múltiplas facetas artísticas. Partiu nesse mesmo ano para o Brasil, onde se radicou e onde obteve um grande sucesso, revolucionando a arte gráfica brasileira. No Brasil, foi ceramista (recriando a arte marajoara), caricaturista, chargista, desenhista, ilustrador, calígrafo, capista, marceneiro, ex-librista, gravador... Foi casado com a poetisa Cecília Meireles.

COUTO VIANA. Manuel Couto Viana (Viana do Castelo, 13/3/1892 — Lisboa, 7/12/1970). Artista que se dividiu entre a escrita e o desenho, deixando colaborações em *O Povo*, *O Pedante*, *O Galo*, *O Cupido*, *Folha de Viana*, *Notícias de Viana* (de que foi também editor), *Arquivo de Viana do Castelo*, *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, *Mensário das Casas do Povo*, etc. Participou nas Exposições dos Modernistas do Porto. Foi ilustrador, capista, cartazista, decorador, organizador de cortejos.

CRISTIANO CRUZ (Leiria, 6/5/1892 — Silva Porto, 21/10/1951). Seria um dos mais importantes artistas portugueses do século xx,

não fosse o seu suicídio artístico em 1919, ao abandonar abruptamente uma carreira promissora. Líder e ideólogo da primeira geração de modernistas, iniciou a ruptura modernista em Coimbra, em 1909, com Correia Dias, Cerveira Pinto e Luís Filipe, primeiro com a publicação do jornal *O Gorro* e depois com *A Farsa*. Mudou-se para Lisboa, para onde foi tirar o curso de Veterinária, e aí assumiu o papel de ideólogo dos jovens irreverentes, formando com eles a Sociedade dos Humoristas e tentando implementar os Salões dos Humoristas. A sua obra pode ser encontrada em, para além dos periódicos referidos, *A Águia*, *Límia*, *A Sátira*, *Os Sportsinhos*, *Jornal de Arganil*, *A Rajada*, *A Capital*. A partir de 1921 radica-se em Moçambique como médico veterinário, abandonando definitivamente as artes.

CRISTIANO DE CARVALHO (Porto, 22/12/1874 — Matosinhos, 21/12/1940). É um dos caricaturistas mais politizados da nossa história. Anarco-sindicalista, estará na frente da luta republicana, tanto antes como depois da revolução. Tendo sido obrigado a exilar-se aos dezassete anos em França, traz daí toda a sua formação artística e política, desenvolvendo assim uma teia importantíssima de contactos e influências no meio intelectual e obreiro. Como caricaturista, deixou colaborações em, para além da imprensa clandestina, *Passatempo*, *Diabo Júnior*, *A Caricatura*, *Límia*, *A Montanha*, *O Pardal*, *A Águia*, *A Bomba* (do qual foi director artístico), *Miau!*, *O Garoto*, *Nortada*, *O Pirolito*, etc. Fez também ilustração para livros e editou um livro de memórias.

CRUZ CALDAS. António Pedro Barros Cruz Caldas (Porto, 17/12/1898-1975?) foi um insigne artista portuense que se desdobrou por cenografia, cartazismo, ilustração, caricatura... Foi director artístico de *O Pirolito*, podendo também encontrar-se a sua obra em *Sporting*, *Cocorocó*, *Jornal de Notícias*, *A Maria Rita*, *O Primeiro de Janeiro*, etc. Recebeu por duas vezes o Prémio Leal da Câmara (1953 e 1956), para além de outros prémios nos Salões da SNBA. Assinou tanto como Cruz Caldas, CC ou + Caldas, como com os pseudónimos Zita, Tono e Toneca.





EMÉRICO NUNES. Emérico Hartwich Jacinto Nunes (Lisboa, 6/1/1888 — Sines, 18/1/1968) iniciou os seus estudos com os mestres Luciano Freire, Condeixa e Alberto Nunes. A conselho do mestre Malhoa, parte para Paris e depois para a Alemanha e a Suíça, onde realizará uma magnífica carreira como humorista internacional em jornais como *Fliegende Blätter*, *Schweizer Illustrierte Zeitung*, *Der Spatz*, *Haagsche Courant*, publicados na Alemanha, na Suíça, na Bélgica, na Holanda, em Espanha. Só regressou para Portugal em 1918 (com breve interrupção na década de 1920), o que não o impediu de participar na Exposição dos Livres em 1911, nos Salões dos Humoristas em 1912 e 1913 e, com uma exposição individual, em 1914. Em Portugal, colaborou em *O Riso d'A Vitória*, *ABC*, *ABC a Rir*, *ABC-zinho*, *O Espectro*, *O Domingo Ilustrado*, *Cocorocó*, *Joaninha*, *Ilustração*, *Casino*, *Magazine Bertrand*, *O Comércio do Porto Ilustrado*, *Mocidade Portuguesa*, *O Senhor Doutor*, *Raio de Sol*, *Acção*, etc. Dedicou-se também à pintura, à ilustração e às artes decorativas, pertencendo à equipa da «Política do Espírito» de António Ferro.

FERND (sem elementos biográficos).



FRANCISCO TEIXEIRA (Mirandela, 27/7/1865 — Lisboa, 27/7/1911). Deslocando-se para a capital, onde pretendia estudar Medicina, a boémia levá-lo-ia para o jornalismo, por paixão, e para a função pública, por necessidade de subsistência (trabalharia na Alfândega de Lisboa). Como desenhador, colaborou em *A Paródia*, *O Século Cómico*, *Diário Popular* (do Brasil), *Gazeta de Notícias* (do Brasil), *A Comédia Portuguesa*, *Os Sportsinbos*, etc. Foi director artístico da *Ilustração Portuguesa*.



FRANCISCO VALENÇA (Lisboa, 2/12/1882-17/1/1963). Desenhador técnico do Museu Nacional Etnográfico, teve uma carreira paralela de nomeada, como caricaturista. Fundou as publicações humorísticas *O Chinelo* (1900) e *O Moscardo* (década de 1910). Ficaram célebres os *Catálogos Cómicos* das grandes exposições colectivas das Belas-Artes. O álbum de litografias soltas *Várões Assinalados*, editado de 1909 a 1912, acabou por lhe outorgar o Grande Prémio da Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1921. Foi director artístico de *O Espectro* e carica-

turista principal do *Sempre Fixe*, ao longo de toda a vida deste jornal (1926-1959). Colaborou em *Diário de Notícias*, *O Século Cómico*, *O Gafanhoto*, *A Comédia Portuguesa*, *Brasil-Portugal*, *A Crónica*, *A Tribuna*, *Tiro e Sport*, *Ilustração Portuguesa*, *Os Sportsinbos*, *Arte Musical*, *O Raio*, *Alma Nacional*, *Límia*, *Diário de Lisboa*, para além de ter ilustrado, ou criado capas para, múltiplos livros. Colaborou também com diversas publicações internacionais no Brasil, em França (como, por exemplo, *Le Rire*) e em Espanha (*La Nación* e *Boletín Fermé*). Membro activo do Grupo dos Humoristas, do Grupo Rafael Bordalo Pinheiro, realizou diversas exposições colectivas e individuais. Foi galardoado, em 1909, com a 1.ª Medalha de Caricatura nas exposições da SNBA.

HIPÓLITO COLLOMB (Lisboa, 1/11/1892 — Rio de Janeiro, 1947). Caricaturista, banda-desenhista, cenógrafo, pertenceu ao grupo criador da Sociedade dos Humoristas e dos Salões de Humoristas, tendo deixado obra publicada em *O Século Cómico*, *Os Ridículos*, *O Zé*, *Reclame Teatral*, *Polichinelo*, *Os Sportsinbos*, *Ilustração Portuguesa*, etc. Em 1918, emigrou para o Brasil.

J. LUÍS JÚNIOR. José Luís Júnior (Aldegalega, Montijo, 8/9/1891-?) deixou colaboração gráfica em *Os Sportsinbos*, *O Século Cómico*, *A Luta*, *Os Ridículos*, *A Lanterna*...

JOÃO CABRAL. Foi, com o seu irmão Augusto, autor e editor do jornal *O Binóculo*, de Ponta Delgada, que se publicou entre 1882 e 1884. Tendo vindo posteriormente para o continente, colaborou em *A Lua Nova* em 1890-91, foi aluno de Silva Porto, fez carreira como pintor e morreu em Lisboa, em 1916.

JOÃO VALÉRIO. João Valério das Neves Pereira (Braga, 1888 — Lisboa, 1969) pertenceu ao Grupo dos Humoristas (de 1937 a 1940) e ao Grupo Rafael Bordalo Pinheiro, sendo não só da direcção, como conferencista e animador da caricatura ao vivo. A sua obra pode encontrar-se em *O Petardo*, *O Talassa*, *A Risota*, *O Dia* (com cujos trabalhos publicou o álbum *Prato d'O Dia*)... Como caricaturista, foi premiado nas exposições da SNBA em 1942 e 1943.



JOAQUIM GUERREIRO. Empresário e caricaturista, seria mal-amado no meio do modernismo. Se, por um lado, era o financiador de *A Sátira* (onde se agrupou a mocidade irreverente) e apoiou a criação da Sociedade dos Humoristas e dos Salões, por outro lado, impunha-se ao grupo como o capitalista. Em 1913 parte para o Brasil e para a Argentina, donde regressa em 1918. Em 1920 torna-se no pioneiro da animação portuguesa ao realizar *O Pesadelo de António Maria*, que foi integrado num espectáculo de revista à portuguesa. A sua obra encontra-se publicada em *O Zé*, *A Sátira*, *A Garra*, *Os Sportsinbos*, *Ilustração Portuguesa*, etc.



JORGE BARRADAS. Jorge Nicholson Moore Barradas (Lisboa, 16/7/1894 — 30/6/1971) foi um dos insígnis artistas da primeira geração modernista, que se formou na escola da experiência ao lado de Cristiano Cruz, Stuart e Almada, começando pelo desenho de humor em *A Rajada*, *A Sátira* e *Papagaio Real*. Participou nos Salões de Humoristas de 1912 e 1913 e nos dos Modernistas do Porto de 1915. Fundou e dirigiu *O Riso d'A Vitória*. Colaborou em *A Ideia Nacional*, *Ilustração Portuguesa*, *Atlântida*, *Arte*, *ABC a Rir*, *ABC*, *A Pátria*, *Diário de Lisboa*, *Ilustração*, *Contemporânea*, *Magazine Bertrand*, *Seara Nova*, *Revista Portuguesa*, *Eva*, *Diário de Notícias*, *O Século*, *Capital*, *Sempre Fixe*. Dedicou-se também à pintura, à cenografia, ao figurinismo, ao capismo, ao cartazismo, mas foi a cerâmica que, a partir de 1945, o apaixonou, transformando-o num inovador deste género artístico.



JORGE COLAÇO. Jorge de Jesus Maria Cesário Sebastião Eusébio Raimundo Lopez de Macnahan Rey Colaço (Tânger, 26/2/1868 — Caxias, 23/8/1942) é hoje recordado fundamentalmente como refundador da arte do azulejo em Portugal e como pintor, mas a obra de humor gráfico que deixou é tão importante como aquelas outras facetas. Tendo estudado em Paris com F. Cormon, de passagem por Portugal, ficou como director de *O Século Cómico*. Mais colaborações podem ser encontradas em *A Revista*, *Branco e Negro*, *O Comércio do Porto Ilustrado*, *Diário de Notícias Ilustrado*, *Fradique*. Em 1915, funda *O Talassa*, um periódico monárquico em pleno auge republicano, já que nunca abdicou da sua linha política.

JOSÉ TAGARRO (Cartaxo, 1901-1931). Estudou na Escola de Belas-Artes de Lisboa com Columbano e Carlos Reis, prosseguindo os estudos em Paris. A sua actividade criativa desdobrou-se pela pintura e pelo desenho, publicando ilustrações cuja ironia por vezes o levava para o campo da intervenção política.

LEAL DA CÂMARA. Tomás Júlio Leal da Câmara (Nova Goa, 30/11/1876 — Rinchoa, 21/7/1948) foi um artista irreverente que, no fim de oitocentos, trouxe de volta o panfletarismo à sátira política, através de uma linguagem pré-expressionista. Os seus primeiros trabalhos surgem em *O Inferno*, *D. Quixote*, *Branco e Negro*, *Os Ridículos*, *Brasil-Portugal*, *O Século Cómico*, *O Diabo*, mas seria em *A Marselhesa* e *A Corja* que a sua irreverência mais fulminaria, a ponto de ter sido proibido de caricaturar o rei e, depois, de ter de fugir para o exílio. Esteve em Madrid um ano, seguindo para Paris, onde triunfou. Regressou em 1911, dedicando-se mais ao lado didáctico, com conferências e exposições, não só sobre caricatura mas também ao *design* de interiores. Ainda tentaria um retorno a Paris em 1916, mas a guerra impossibilitou-o de aí permanecer. No Porto, criaria o Grupo dos Fantasis-tas e o jornal *Miau!*. A partir de 1920 instalou-se definitivamente em Lisboa, dedicando-se ao professorado, e a caricatura passou para segundo plano. É possível encontrar trabalhos seus em publicações como *A Capital*, *Os Grotescos*, *O Mundo*, *Diário de Notícias Ilustrado*, *O Comércio do Porto Ilustrado*, *A Montanha*, *ABC a Rir*, *O Porto por Um Canudo*, *O Espectro*, *Sempre Fixe*, *Off-side*, *A Risota*, *O Sol*. Foi também ilustrador, pintor e ceramista. Seria um dos impulsionadores da Sociedade dos Humoristas e seu presidente de 1938 a 1940. Na Rinchoa, Sintra, existe a sua Casa-Museu.

LUÍS FILIPE Gonzaga Pinto Rodrigues (Melgaço, 21/3/1887 — Viana do Castelo, 10/8/1949). Insígne advogado que nos seus tempos de estudante incorporou o Grupo de Coimbra, núcleo fundador do modernismo em Portugal. Foi director artístico de *A Farsa*, colaborando também em *O Povo*, *Límia*, *A Águia*, *Folha de Viana*, *A Montanha*, *A Rajada*, *A Bomba*... Findo o curso, voltaria para o Minho, onde se foi afastando aos



poucos das artes, por incompatibilidades com a imagem que deveria ter como advogado. Em Viana, realizará diversos cartazes para as Festas da Sra. da Agonia e, na década de 1930, uma exposição de caricaturas de figuras vianenses.

M. MESQUITA (sem elementos biográficos).

MANUEL GUSTAVO BORDALO PINHEIRO (Lisboa, 29/7/1867-8/9/1920). Filho do mestre Rafael, sofrerá toda a sua vida esse peso, apesar de ser um dos melhores caricaturistas da nossa história. Com linha pura de rafaelismo, soube contudo ter a sua própria ironia e aflorar novas vias estéticas. Estreou-se na primeira série de *O António Maria*, prosseguindo depois em todos os jornais do pai (*Pontos nos ii*, *A Paródia*), substituindo-o aos poucos, fosse no preenchimento das páginas, fosse na própria direcção dos jornais. Colaborou também em *O Gafanhoto* e na *Ilustração Portuguesa*. Tal como seu pai, também foi um magnífico ceramista. Os seus últimos quinze anos foram dedicados ao ensino.

MANUEL MONTERROSO. Manuel Aníbal da Costa Monterroso (Amarante, 1/2/1875 — Matosinhos, 28/2/1968). Insigne médico e professor, dedicou-se paralelamente à caricatura, deixando colaborações em *Os Pontos*, *A Paródia*, *Faro de Vigo*, *A Brasileira*, *O Vira*, *Arte*, *O Povo*, *O Comércio*, *A Luz*, *O Tripeiro*, *Límia*, *O Primeiro de Janeiro*, *A Montanha*, *Cocorocó*, *A Maria Rita*, *Diário de Notícias*, *O Século*, *Ilustração Portuguesa*, *A Capital*, *A Águia*, *A Lanterna*, *ABC*, *Sempre Fixe*, *O Comércio do Porto*. Realizou também cerâmica, decoração e ilustração.

MÁRIO CAMPOS (sem elementos biográficos).

MIGANÇA, pseudónimo de Manuel Roque Gameiro (Lisboa, 12/4/1890-25/9/1944). Filho do mestre aquarelista Alfredo Roque Gameiro, dedicar-se-ia à aguarela, à gravura e à ilustração. No âmbito da caricatura, podemos encontrar trabalhos seus em *O Xuão*, *A Capital*, *O Século Cómico*, *O Riso*, *Notícias Ilustrado*, etc.

NOGUEIRA DA SILVA. Francisco Augusto Nogueira da Silva (Lisboa, 26/9/1830-13/3/1868) é

o primeiro mestre da caricatura portuguesa, assim como um reformador da gravura em Portugal, com obra teórica e prática publicada. Iniciou a sua carreira em 1850, na *Revista Popular*, e em 1851 publicou uma série de «Tipos Populares» em *A Semana*. Em 1856 estaria na equipa fundadora de *O Asmodeu*, assim como do *Jornal para Rir* (1856-57). Ainda encontraremos trabalhos seus em *Arquivo Pitoresco*, *O Carnaval*, *Cabרון*, *O Escalpelo*, *O Demócrito*, *Boudoir*, etc. «Eu» é uma assinatura que aparece em trabalhos publicados em jornais seus. A aparência técnica desses trabalhos faz-nos pensar que seria um seu pseudónimo.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO (Lisboa, 21/3/1846-23/1/1905). Aparecendo em 1870 com a litografia «O Dente da Baronesa», seguida pelo álbum *O Calcanhar d'Aquiles* e pel'*A Berlinda*, deu os primeiros passos para a reformulação da imprensa satírica e para a consagração da sátira política em Portugal. É considerado o maior caricaturista português de todos os tempos não só pela qualidade estética e pela arte da ironia, como pela arte de fazer políticas através da crítica jornalística. Em 1871, publicou *O Binóculo*; em 1872, o álbum *Apontamentos de R.B.P. sobre a Picaresca Viagem do Imperador de Rasilb pela Europa* (considerado o primeiro álbum português de história aos quadradinhos); em 1873, publica o folheto satírico *M. J. ou A História Tétrica duma Empresa Lírica*; em 1875, publica *A Lanterna Mágica* (jornal onde cria o símbolo satírico do povo português — o Zé Povinho — ícone que se mantém até aos dias de hoje). Entretanto, colaborou na imprensa estrangeira — *El Mundo Cómico* (1873), *Ilustración Española y Americana* (1873), *The Illustrated London News* (1873), *El Bazar* (1874), etc. Em 1876, publicou o álbum *Frases e Anexins da Língua Portuguesa*. A 19 de Agosto de 1875 partiu para o Brasil, onde se manteve até Março de 1879. Aí trabalhou para *O Mosquito*, criando depois as suas revistas, o *Psit!!!*, seguido de *O Besouro*. De regresso a Portugal, publicou o álbum *No Lazareto de Lisboa* e lançou, a 12 de Junho de 1879, *O António Maria*. A 7 de Maio de 1885, este periódico é substituído pelo *Pontos nos ii*, regressando ao primeiro título em Fevereiro de 1891, para desaparecer a 7 de Julho de 1898. Entretanto foi publicando o *Album das Glórias*, um conjunto de litografias



publicadas individualmente dentro d'*O António Maria*. A 17 de Janeiro de 1900 lança o seu último título, *A Paródia*. O seu estilo de humor irónico e o seu traço naturalista criaram uma escola que influenciou várias gerações de caricaturistas portugueses. Não se pode esquecer a sua significativa obra no campo da cerâmica, que fez renascer esta indústria artística nas Caldas da Rainha.

ROCHA VIEIRA. Alfredo Carlos da Rocha Vieira (Angra do Heroísmo, 21/10/1883 — Lisboa, 4/11/1947). Pintor, caricaturista, banda-desenhista e gráfico nas empresas de *O Século*, participou nos Salões dos Humoristas de Lisboa de 1912, 1913, 1938 e 1940. É referenciado na história da BD como o primeiro autor de uma tira diária («As Fitas de Juca e Zeca» em *O Século*, *Edição da Noite*, 1920-22), assim como o primeiro autor de séries realistas («Aventuras Extraordinárias de Jorginho» no *ABC-zimbo*, 1921) e primeiro autor de uma página dominical («As Proezas do Necas e Tonecas» n'*O Século*, 1922). Mais obras se podem encontrar em *O Século Cómico*, *ABC a Rir*, *ABC-zimbo*, *Tic-Tac*, *Ilustração Portuguesa*, *Pim-Pam-Pum*, *Os Sportsinhos*, *O Primeiro de Janeiro*, *Alma Nova*, etc.

SANCHES DE CASTRO. Caetano Alberto da Silva Sanches de Castro (Lisboa, 27/3/1888-27/3/1934) é considerado um dos pioneiros da aviação em Portugal. Dedicou-se ao ensino (essencialmente na Escola Técnica Marquês de Pombal) e também à caricatura, encontrando-se trabalhos seus em *O Povo*, *A Águia*, *O Riso d'A Vitória*, *Diário de Lisboa*, *ABC a Rir...* Algumas das suas caricaturas foram publicadas em postais ilustrados.

SEBASTIÃO SANHUDO. Sebastião de Sousa Sanhudo (Ponte de Lima, 1851 — Porto, 1901) frequentou a Escola de Belas-Artes do Porto, estabelecendo-se posteriormente com oficina litográfica nesta cidade. Lançou o seu primeiro jornal em 1877, *O Pai Paulino*, que a 9 de Julho de 1878 passou a chamar-se *O Sorvete*, jornal que, apesar de pequenas interrupções, se aguentou até 16 de Dezembro de 1900. Publicou também o *Album de Caricaturas dos Homens Mais Célebres do Porto e Seus Arredores* (1878), *Galeria do Sorvete* (1879), *Procissão de Celebidades Portuenses* (1884).

Editou também a revista *Piparotes* (1889) e vários almanaques. Colaborou em revistas como *O Brinde* (1884), *O Andaluz* (1885), *Charitas* (1892), *Lágrimas e Conforto* (1892), *A Corja* (1898), etc.

SILVA E SOUSA. João José da Silva e Sousa (Figueira da Foz, 3/6/1876-14/4/1952) frequentou a Escola de Belas-Artes de Lisboa, tendo sido discípulo de Roque Gameiro. Ilustrou contos infantis de Ana Castro Osório e outros autores. Dedicou-se também à caricatura, sendo a alma de *O Xuão*, jornal suspenso nos estertores da Monarquia e logo substituído por *O Zé*. Os seus trabalhos também podem ser encontrados em *O Século Ilustrado* e *Os Ridículos*.

SILVA MONTEIRO. Artista que dominou a década de 1910 com as primeiras páginas de *Os Ridículos*, merecendo o título de Cronista dos Ridículos da República (1910-20). Figura de relevo jornalístico durante muito tempo, apareceu e desapareceu sem nos deixar grandes testemunhos da sua vida, como o seu nome completo, data de nascimento e morte. Deixou trabalhos publicados também em *Papagaio Real*, *Diário de Lisboa*, *A Época* e *A Voz*.

SIMÕES JÚNIOR. António de Oliveira Simões Júnior (Porto, 11/12/1875-9/5/1903). Despachante de alfândega por profissão, tinha uma vida artística paralela. O seu traço irreverente e de estética marcante (Arte Nova) destacou-se-ia na imprensa portuguesa. Iniciou a sua carreira em *Charivari*, no ano de 1895, publicando posteriormente em *Branco e Negro*, *Os Pontos*, *Ilustração*, *Jornal de Notícias*, *O Pagode*. O melhor da sua obra reúne-se em *A Algazarra*.

STUART CARVALHAIS. José Herculano Stuart Torrie de Almeida Carvalhais (Vila Real, 7/3/1887 — 2/3/1961). É um dos mais geniais criadores portugueses, pela versatilidade de traço (adaptando os estilos às necessidades de comunicação), pelo erotismo, a ingenuidade humorística, a profundidade filosófica da ironia... Foi ilustrador, cenógrafo, figurinista, decorador, pintor, capista, cartazista e humorista. Trabalhou também sob os pseudónimos de Job e Albino. A sua obra gráfica pode ser encontrada em *Ilustração Portuguesa*, *A Voz da Juventude*, *A Sátira* (onde



surge como editor), *A Garra*, *O Zé*, *A Lanterna*, *O Pardal*, *Papagaio Real*, *O Século Cómico* (onde revolucionou a história da BD em Portugal, com a criação do «Quim e Manecas»), *Os Sports*, *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Vida Mundial*, *Sempre Fixe*, *Os Ridículos*, etc.

TOMÁS MACHADO (sem elementos biográficos).

ZÉ MANEL. José Manuel Domingues Alves Mendes (Lisboa, 22/1/1944) fez o curso na Escola António Arroio e iniciou a sua actividade gráfica profissional com dezasseis anos, na *Parada da Paródia*. Desde então colaborou num sem-fim de publicações, como *Os Ridículos*, *Jornal do Exército*, *O Brincalbão*, *Diário de Lisboa*, *Rádio & Televisão*, *Jornal da Costa do Sol*, *Oui Magazine*,

O País, *Diário de Notícias*, *Record*. Também se dedica à ilustração, à publicidade, à pintura e ao vitral. Foi premiado nos Salões Nacionais de Caricatura em 1989, 1990, 1991, 1995, 1996, 1998, 2000 e 2003. No Salão Luso-Galaico de Caricatura de Vila Real foi galardoado com o 1.º Prémio (2004), com o 2.º Prémio (2006), com o 3.º Prémio (2000) e com Menções Honrosas (2001 e 2006). Na Bienal de Humor de Idanha-a-Nova foi galardoado com o 1.º Prémio, em 2002, e com o 3.º Prémio, em 2004. Foi ainda galardoado com o Lutin d'Argent do Festival Internacional de St. Estève (França). Foi homenageado com o Prémio Amadora-Cartoon 2003 no XIV FIBD da Amadora. Encontra-se representado no Museu de Caricatura & Cartoon de Basileia (Suíça).



NOTA BIOGRÁFICA

OSVALDO MACEDO DE SOUSA nasceu no Porto, em 1954. Formou-se em História, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e concluiu o Curso Superior de Canto no Conservatório Nacional de Lisboa. É coralista no Teatro Nacional de São Carlos. O seu trabalho historiográfico iniciou-se em 1980, com a realização do Inventário da Caricatura Portuguesa (Fundação Calouste Gulbenkian).

Na imprensa, tem publicado críticas de arte, crónicas e entrevistas em *Diário de Notícias*, *O Dia*, *Jornal de Letras*, entre muitos outros.

Foi comissário nacional das Comemorações dos 150 Anos da Caricatura em Portugal (1997). Comissariou também uma série de outras exposições, nomeadamente o Centenário de Stuart Carvalhais, em Vila Real (1987); o Centenário de Cristiano Cruz, em Leiria (1992); o Bicentenário do Teatro Nacional de São Carlos (Humor e Música) (1992); «20 Anos de Democracia Satírica», para a Presidência da República (1995), etc.

Fundou e dirigiu o Salão Nacional Humor de Imprensa (1987-2006), o Salão Livre de Humor Nacional (1998-2003), etc. Foi director artístico do primeiro PortoCartoon (1998). Tem colaborado com diversos museus: Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Museu da República e Resistência, Casa-Museu de Leal da Câmara, Museu Nacional da Imprensa, Museu Amadeo de Souza-Cardoso, Fundação Calouste Gulbenkian, Museu Nacional do Teatro, entre outros.

É autor de inúmeros títulos publicados: *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*, *150 Anos da Caricatura em Portugal*, *Crónicas d'Um Stuart*, *Dos Humoristas Portugueses*, *O Modernismo pel'O Humorismo*, *Luiz Filipe — Um Pioneiro do Modernismo* (em parceria com João d'Alpuim Botelho), *Manuel Monterroso — Um Estetoscópio de Humor*, *Amarelbe — O Desretrato da Máscara*, *Francisco Zambujal — O Mestre da Caricatura Desportiva*, etc.

Utiliza o pseudónimo Humorgrafe e mantém o blogue <http://humorgrafe.blogspot.com>.

**AS CARICATURAS
DA PRIMEIRA REPÚBLICA**

*foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Offsetmais
Artes Gráficas, S.A., sobre papel
Creator Vol de 150 gramas, numa
tiragem de três mil exemplares,
no mês de Agosto de 2010.*